

Ministério da Educação
Universidade Federal de Pelotas
Centro de Artes
Curso de Teatro – Licenciatura



Trabalho de conclusão de curso – TCC

**Para uma Poética Teatral do Frio:
conjecturas de uma atriz a partir da Estética do Frio de Vitor Ramil**

Viviane Famil Leite

Pelotas, 2015

Viviane Famil Leite

**Para uma Poética Teatral do Frio:
conjecturas de uma atriz a partir da Estética do Frio de Vitor Ramil**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Teatro - Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Teatro.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Moraes de Oliveira

Pelotas, 2015

Banca examinadora:

Prof. Dr. Adriano Moraes de Oliveira (orientador)

Prof. Dr. Paulo José Germany Gaiger

Prof. Me. Gilnei Oleiro Correa

Agradecimentos

Ao meu mestre Prof. Dr. Adriano Moraes de Oliveira pela grande sensibilidade de orientação desse trabalho e por todo conhecimento disseminado ao longo do curso. Além de um grande amigo que fiz, certamente a maior importância de minha vida acadêmica;

Aos amigos Cesar e Isabel Mendonça pelo apoio constante que tive desde o início de tudo;

Aos amigos André Knopp e Rogerio Martins, meus maiores impulsionadores para acreditar em mim;

Aos amigos e professores que fiz no curso por todos os momentos vividos e pelos ensinamentos. Especialmente Sirla Karczeski, minha amiga, irmã e cúmplice de cenas reais e fictícias as quais foram inesquecíveis nesse período acadêmico e que a vida me trouxe para sempre; e ao meu amigo Elias Pintanel, que nesse momento me faço valer de suas palavras em relação a mim: “Tenho sonhos noites e desejos luas! E no meio dessa vida mar encontrei outra navegante.” Obrigada Elias pela sua amizade e por fazer meu corpo chorar tantas vezes ao te ver em cena. Um dos meus maiores aprendizados. E, “Pelos momentos divididos em palco e na vida.”

Aos amigos da Unimed Pelotas por tudo que me permitiram compartilhar nesse momento tão único da minha vida;

Ao meu pai Homero que mesmo sem estudo me ensinou a ter cultura e ao meu irmão Rodrigo por sempre ver em mim possibilidades artísticas;

Ao Alan Roja Fagundez pela sensibilidade da lente de seus olhos castanhos e ao Rafael Limons pelo comprometimento e cumplicidade em cena. Sem a arte de ambos, não seria possível a prática desse trabalho.

E por fim, a Vitor Ramil pela beleza de sua obra, inspiração desse trabalho, norteador de minha identidade.

FAMIL LEITE, Viviane. **Para uma poética teatral do frio: conjecturas de uma atriz a partir da Estética do Frio de Vitor Ramil.** Pelotas: Trabalho de Conclusão do Curso de Teatro / Centro de Artes / Universidade Federal de Pelotas, 2015.

Resumo

Como utilizar a Estética do Frio de Vitor Ramil como um pretexto para uma poética teatral? Qual a relação entre a solidão em público proposta por Stanislavski e a solidão como característica fundamental da Estética do Frio? Como traduzir a linha do horizonte e todo seu lirismo e melancolia em cena teatral? Qual a potencialidade de utilização literal da obra poética de Vitor Ramil em elemento dramático? Quais aspectos da obra de Vitor Ramil estimulam a minha criação como atriz? A partir dessas questões entro na obra de Vitor Ramil como atriz e estudante de teatro com o objetivo claro de transformar um gostar em criação de teatro. O fato é que sou uma admiradora da Estética do Frio e, por conta disso, vejo inúmeras possibilidades de criação a partir dessa produção artística de Pelotas. Minha intenção não é convencer ninguém da beleza da obra de Vitor Ramil, mas evidenciar como uma expressão poética pode estimular a criação artística no teatro. Desse modo, a obra de Vitor Ramil é, para mim, mais do que um conjunto de poemas, prosa e letras de canções: é a própria identidade cultural de uma geografia que se configura por infinitas paisagens e que, por serem infinitas, estimulam a percepção da finitude que há em cada um de nós.

Palavras-chave: frio, identificação, transposição, íntimo

Sumário

INTRODUÇÃO	7
PRIMEIRA PARTE	8
SOBRE A ESTÉTICA DO FRIO	8
A Estética do Frio	8
Características principais da Estética do Frio	12
1. A linha do horizonte	12
2. A baixa temperatura.....	14
3. O sentimento de melancolia.....	15
4. A solidão	16
5. A intimidade	16
SEGUNDA PARTE.....	17
O TEATRO A PARTIR DA ESTÉTICA DO FRIO	17
Motivações pessoais para adotar a Estética do Frio como referência para a criação teatral	17
Experimento de dramaturgia a partir da Estética do Frio.....	19
A criação teatral a partir da Estética do Frio: dificuldades encontradas	25
TERCEIRA PARTE	26
PARA UMA POÉTICA TEATRAL DO FRIO	26
Conjectura 01: a preparação da obra	26
A solidão na criação	26
A temperatura e o trabalho corpo-vocal	27
O recolhimento e a concentração	28
Conjectura 02: a criação de um roteiro	29
Os espaços de ação	29
O tom da cena: a melancolia, a narrativa, a memória.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS.....	32

INTRODUÇÃO

Esse trabalho de conclusão de curso é o relato de uma pesquisa muito pessoal que, ao longo de minha vida acadêmica, fez com que me deparasse com alguns questionamentos sobre a possibilidade de se deixar influenciar pela obra lírico-musical de Vitor Ramil. Mais especificamente, a pesquisa tem como foco a noção de Estética do Frio e suas principais características como ponto de partida para a minha criação teatral.

Esse tema, a possibilidade de um teatro feito a partir da Estética do Frio, me acompanha desde o início de meu trajeto no curso de teatro, em 2011. Por isso, o presente relato resulta em pesquisa permeada por impressões pessoais. E é justamente esse fato que me faz crer que é impossível dar esse estudo por concluído. Muito pelo contrário, para suprir toda a imensidão de possibilidades existentes na Estética do Frio, será preciso outras instâncias de estudos e, mais do que isso, um mergulho menos emotivo na obra de Vitor Ramil – coisa ainda muito difícil para mim.

Por minha pesquisa ser permeada por minhas impressões e devaneios a partir de uma temática que me interessa e com a qual me identifico profundamente, procurei dividir o texto, resultado da pesquisa, em três partes: a primeira parte refere-se à explicação do tema propriamente dito, ou seja, o que significa a Estética do Frio proposta por Vitor Ramil e suas especificidades; a segunda parte, mais experimental, apresenta uma dramaturgia de uma cena criada a partir de textos, músicas e literatura de Vitor Ramil, bem como elementos e personagens simbólicos do Rio Grande do Sul, numa tentativa de transposição teatral da Estética do Frio; e, a terceira parte, é constituída de conjecturas de um trabalho atoral, levando em consideração o trabalho prático realizado e suas particularidades, relacionando-as com o tema.

Caro leitor, você irá se deparar com um estudo que apresenta possibilidades de uma cena teatral sonhadas durante um longo tempo, mas extremamente vinculada às minhas percepções sobre como a obra de Vitor

Ramil se revela mais do que uma obra de um artista. Para mim é lugar em que me constituo também como artista e a Estética do Frio é minha poética.

PRIMEIRA PARTE

SOBRE A ESTÉTICA DO FRIO

Nessa parte do texto apresento um estudo sobre A Estética do Frio de Vitor Ramil. Esse estudo é composto de uma escritura que narra brevemente a história da expressão, bem como apresenta de modo sucinto as duas obras mais emblemáticas da Estética do Frio.

A Estética do Frio

Estética do Frio é um termo utilizado pelo autor Vitor Ramil para tentar definir, a partir de intuições e experiências, sua localização cultural-geográfica. A definição proposta por Ramil não generaliza o sentido da “Estética”, nem possui a intenção de formular um novo conceito sobre o significado da palavra.

Para o artista, não se trata de um termo normativo, ou seja, não é uma regra e não requer uma aprovação ou, ainda, não é uma ideologia imposta, apenas um estudo que pressupõe uma maneira de tentar explicar questões íntimas que ele percebeu estando distante de sua localização natal. A expressão Estética do Frio evidencia uma percepção da identidade dos habitantes do Rio Grande do Sul em relação ao restante do Brasil: suas raízes, seus contextos, seus hábitos e seu clima.

Vitor Ramil nasceu na cidade de Pelotas, no estado do Rio Grande do Sul. É escritor, compositor e cantor, e vive na sua cidade de origem até o momento. Ao longo de sua carreira acabou adotando o anagrama Satolep, que busca evidenciar um modo particularizado de perceber a sua cidade natal. Pelotas escrito ao contrário explicita a visão que ele tem sobre ela.

A visão de Ramil sobre Pelotas, ou melhor, a sua Satolep, é o que inspira a maior parte de sua produção artística. A casa, na qual vive, é o lugar de onde se olha para a cidade, mas também de um ponto de vista introspectivo, isto é, Satolep é mais o interior do que o exterior de Pelotas.

As primeiras ideias sobre a Estética do Frio surgiram quando, no Rio de Janeiro, em pleno junho, Vitor Ramil, ainda no começo de sua carreira, assistiu a um noticiário de televisão de nível nacional que informava sobre um carnaval fora de época no nordeste e, esse mesmo noticiário, em seguida, vinculava a notícia de “campos cobertos de geada” no Rio Grande do Sul.

O estranhamento causado pelo noticiário, referindo-se ao Rio Grande do Sul quase que como sendo outro país, o fez sentir-se um estrangeiro no Brasil pela primeira vez, fazendo-o pensar inclusive sobre as questões separatistas que sempre acompanharam a história dos rio-grandenses e que, naquele momento (final dos anos 80), estavam em evidência novamente estimulando a reflexão sobre localização identitária.

O sentimento de se sentir distante e isolado provocado pela distância geográfica na qual se encontrava – o Rio de Janeiro – aliado a sensação de não pertencer ao país – o Brasil de um modo geral – fez com que a noção de Estética do Frio fosse esboçada, naquelas circunstâncias, mentalmente. A ideia foi escrita em 2003 e o texto “A Estética do Frio – Conferência de Genebra”, publicado em 2004. Como afirma Ramil, logo no início da publicação, “O texto foi escrito para a ocasião. De lá para cá mudou um pouco. Que futuramente continue nunca sendo o mesmo” (RAMIL, 2004, p. 05).

O texto, de um modo geral, estimula a reflexão sobre as diferenças das regiões do Brasil e, conseqüentemente, o que pode inspirar os artistas no ato de criação. Em “A Estética do Frio”, Ramil expõe que o significado dessas diferenças está além da temperatura:

Por ser emblema de um clima de estações bem definidas – e de nossas próprias, íntimas estações; por determinar nossa cultura, nossos hábitos, ou movimentar nossa economia; por estar identificado com nossa paisagem; por ambientar tanto o gaúcho existência-quase-romanesca, como também o rio-grandense e tudo o que não lhe é estranho; por isso tudo é que o frio, independente de não ser exclusivamente nosso, nos distingue das outras regiões do Brasil. O frio, fenômeno natural presente na pauta da mídia nacional e, ao mesmo tempo, metáfora capaz falar de nós de forma abrangente e definidora, simboliza o Rio Grande do Sul e é simbolizado por ele. (RAMIL, 2003. p. 14)

Para mim, o ponto de maior conexão com minha prática criadora são as “íntimas estações”. E essas “estações” que não são apenas frias têm forte, e às vezes mais, identificação com o Uruguai e a Argentina em relação a algumas regiões do Brasil.

O reforço de uma estética particular do sul contribui também para estereotipar a figura do gaúcho – tantas vezes reforçado pelos próprios rio-grandenses que, na ânsia de conservar raízes e afirmação de ideologia, reforçam uma visão caricata do gaúcho pilchado¹ com seu cavalo, um chimarrão fumegando, assando um churrasco.

O texto, no entanto, surge como uma forma de questionar quem são os rio-grandenses para além da caricatura difundida nacionalmente como “o gaúcho”, incluindo aí um cancionista também estereotipado com forte apelo mercadológico.

Para melhor se fazer entender sobre a Estética do Frio, Vitor Ramil se utilizou de uma frase do escritor cubano Alejo Carpentier: “O frio geometriza as coisas”. Segundo Ramil, essa frase fez com que imagens o levassem para um campo aberto do sul, um gaúcho solitário, com poncho de lã, com seu chimarrão, o céu fincado no chão e o frio se instalado nessa cena. Tal imagem o fez pensar se sua Estética não estaria vinculada àquele estereótipo que tentava fugir, mas esse pampa era uma paisagem interior, pois o frio e o céu limpo era um aconchego em si mesmo, um olhar para si.

O frio lhes correspondia aguçando os sentidos, estimulando a concentração, o recolhimento, o intimismo; definindo lhes os contornos de maneira a ressaltar suas propriedades: rigor, profundidade, clareza, concisão, pureza, leveza, melancolia. (RAMIL, 2004. p. 22)

A partir dessas palavras, os valores estéticos de sua percepção estavam estabelecidos e o gênero musical milonga² surgiu como uma referência importante para a Estética do Frio. A milonga a que se refere Vitor Ramil é a milonga canção, onde violão e voz do artista se sobressai e isso estimula a melancolia, a reflexão, o ensimesmamento e a densidade.

Ao me reconhecer no frio e reconhecê-lo em mim, eu percebera que nos simbolizávamos mutualmente; eu encontrara nele uma sugestão de unidade, dele extraíra valores estéticos. Eu vira uma paisagem fria, concebera uma milonga fria. Se o frio era a minha formação, fria seria a minha leitura do mundo. Eu apreenderia a pluralidade e diversidade desse mundo com a identidade fria do meu olhar. A expressão desse olhar seria uma estética do frio. (RAMIL, 2004. p. 24)

¹ Indumentária da tradição gaúcha.

² Gênero musical popular no Uruguai, Argentina e Rio Grande do Sul. Existe a milonga para ser dançada, em tons maiores, alegres e, a milonga-canção, em tons menores, com minimalismo, lentidão e repetição.

E foi a partir dessa relação com o frio localizado cultural e geograficamente que Vitor Ramil deixou-se perpassar sua obra ao longo de toda sua carreira, até o presente.

Um dos trabalhos mais emblemáticos da Estética do Frio tem como título o próprio termo: o disco “Ramilonga – A Estética do frio” de 1997. Depois, um bom tempo depois, veio somar à temática do frio o romance “Satolep” de 2008, reforçando que a Estética do Frio se mantém como tema central da obra de Vitor Ramil. Além desses dois trabalhos, é relevante mencionar aqui o romance Pequod de 1995, onde o leitor pode se deparar numa aventura primordial da Estética do Frio, em que a cidade fictícia Satolep é evidente, o clima é invernal e o intimismo de faz valer das mesmas questões relacionadas e presentes ao longo da obra de Vitor Ramil.

O disco Ramilonga é a concretização da Estética do Frio de Vitor Ramil. O disco é composto por onze milongas compostas pelo autor e inclui obras literárias de João da Cunha Vargas, Fernando Pessoa, João Simões Lopes Neto e Juca Ruivo, musicadas por Ramil.

O encarte do disco “Ramilonga” traz um texto que enfatiza que se trata de uma obra significativa para a Estética do Frio.

RAMILONGA luzes perdidas na neblina de Satolep; [...] campos cobertos de geada no amanhecer da campanha; meus pais afastando o tapete para dançar um tango; sutilezas de estilo; João Simões Lopes Neto escrevendo os Contos Gauchescos num cenário neo-renascentista; o domínio da linguagem e sua transcendência; o gelado Minuano limpando o céu, purificando o ar, secando os caminhos, definindo a paisagem; [...] João da Cunha Vargas trazendo toda a sua poesia na memória; [...] um índio velho, solito, tomando seu chimarrão, olhos postos na imensidão do campo parelho sob o céu vermelho do entardecer; verde regular, linha reta do horizonte; imagem altamente definida, planície radicalmente aberta; e os traços do rosto do mateador, a luminosidade do seu olho, a profundidade do seu pensamento; [...] o raciocínio minucioso e claro da melancolia ; a harmonia aberta, a troca sutil de acordes; a intensidade porteña e a delicadeza da canção brasileira; meu avô reclamando do frio, em espanhol; o frio símbolo do Rio Grande do Sul; o frio que inventa em nós uma contrapartida para cada característica definidora dos “brasileiros”; o frio definidor do gaúcho, que é muito mais brasileiro do que pensa; a cidade de Satolep, sua arquitetura sofisticada contra o horizonte bárbaro das planícies, [...] cidade mãe das sete cidades da milonga: Rigor, Profundidade, Clareza, Concisão, Pureza, Leveza e Melancolia. A ESTÉTICA DO FRIO.

O romance *Satolep*, de 2008, foi escrito a partir do olhar de Vitor Ramil e sua *Estética do Frio*, para a cidade de Pelotas, ou melhor sua *Satolep*: nele o leitor encontra paisagens não apenas da cidade, mas das impressões de um viajante na cidade. O viajante é o próprio autor e a cidade é um misto de realidade e memórias de um compositor sobre sua vida na *Satolep*, sua cidade particular. Nem sempre é o externo que se evidencia, mas muito do que se sente na cidade.

No trecho abaixo, de *Satolep*, há evidências do gosto de Ramil pelo frio e de sua casa: espaço nítido e definidor no imaginário do autor:

[...] Ah, as delícias desse frio que se instala no interior das casas e insiste em ficar quando a estação vai embora e o calor começa. [...] A indignação dele nunca me impediu de gostar dos interiores frios. Eles me mobilizam, deixam-me alerta, mais lúcido. Meu irmão pensava o mesmo. “Sinto-me mais inteligente”, gostava de dizer [...] (RAMIL, 2008. p.30)

O que torna *Satolep* e *Ramilonga* obras emblemáticas da *Estética do Frio* é justamente a paisagem transformada em arte. E, a paisagem, no caso da *Estética do Frio* é um misto de “Rigor, Profundidade, Clareza, Concisão, Pureza, Leveza e Melancolia”.

Características principais da estética do frio

1. A linha do horizonte

A geometria é o campo da matemática que se dedica à forma, tamanho e posição de objetos relacionados com figuras ou espaço. Para a geometria, uma reta é uma linha sem princípio e sem fim que se mantém sempre na mesma direção. A parte do Rio Grande do Sul da qual fala Vitor Ramil em sua *Estética do Frio* pode ser compreendida com uma linha reta. Essa região se apresenta com vastos horizontes: imensos campos limpos conhecidos como campos meridionais. A paisagem do horizonte apesar de não ser uma exclusividade do pampa gaúcho, define parcialmente o olhar do autor sobre a *Estética do Frio*, pois a linha infinita do horizonte resume uma cena dedicada à reflexão.

A frase do autor cubano Alejo Carpienter: “O frio geometriza as coisas”, se adequa perfeitamente à geometria da paisagem e clima do Sul, mais especificamente do sul do RS, numa linha fria do horizonte. Além disso, a geometria tem aqui um sentido subjetivo, como que uma paisagem interna “das coisas”, e o frio como sensação à favor para o ensimesmar-se.

A ideia de linha fria do horizonte foi gravada como documentário musical lançado em 2014 e que mostra um grupo de músicos do sul do Brasil, Uruguai e Argentina. Esse grupo é selecionado pela cumplicidade de uma paisagem e o sentimento local, como definição para uma desconstrução dos limites da fronteira.

Em Satolep, Vitor Ramil descreve com mais detalhes o que vem a ser essa linha fria que torna a horizontalidade um aspecto importante para a Estética do Frio:

Ao alcançarmos a ponte de ferro sobre o Canal São Gonçalo, o passageiro que viajava ao meu lado apontou para a paisagem das cercanias – clara em toda a sua extensão, ainda que uma névoa rasteira começasse a se formar em alguns pontos -, a superfície espelhada que íamos transpor, o verde regular da pastagem na margem direita, o pontilhismo de uma pequena manada, a face e o perfil dos prédios destacados contra o céu oriental, e disse: “O frio geometriza as coisas”. Desembarquei com a frase do companheiro de viagem na cabeça. O frio e as coisas: um desejo de maturidade e um desejo da infância se encontravam na plataforma da Estação Satolep. (RAMIL, 2008. p. 20-21)

Na escrita acima, percebe-se uma exposição clara da cena proposta na Estética do Frio. O retorno à cidade e as primeiras impressões através do olhar na paisagem. A imensidão da paisagem reta da linha do horizonte identifica uma vasta semelhança e aproxima de maneira muito clara o Rio Grande do Sul com os países da fronteira, bem mais do que os demais estados do país.

Dessa forma, a musicalidade de Vitor Ramil na questão escolhida para a Estética do frio, através da milonga, reúne atrativos significativos e acolhedores para uma música dedicada à reflexão, acompanhados por convergências desses países, entre espaço e costumes que se cruzam e se identificam.

Na música “Milonga de sete cidades”, do disco Ramilonga, Vitor Ramil escreve o seguinte verso: “Em clareza o pampa infinito e exato me fez andar, em rigor eu me entreguei aos caminhos mais sutis, em profundidade a minha alma eu encontrei, e me vi em mim.” Mais uma vez, nesse pequeno trecho da música há sugestão de reflexão do autor em relação à paisagem.

Em *A Linha Fria do Horizonte*, documentário inspirado na *Estética do Frio* de Vitor Ramil, que tem como objetivo mostrar a identificação e influências de compositores/cantores do sul do Brasil com países do Prata, algumas questões são exemplares da *Estética do Frio*, dentre elas a paisagem – isto é, a linha do horizonte, a linha fria. Embora o documentário se concentre na produção de música como elemento principal, pode-se verificar que os artistas, a partir da *Estética do Frio*, se afinam e se aproximam ao apresentarem, em suas obras, a paisagem que é muito semelhante à de Ramil: a linha que faz ver fora, o infinito, mas também dentro, a imensidão.

Nesse mesmo documentário, a compositora uruguaia Ana Prada diz: “Em muitas canções se observa a influência da paisagem no compositor”. (2014, 2:22). E ainda, Vitor Ramil: “A partir de um determinado momento, comecei a buscar inclusive correspondências diretas formais entre a paisagem e a cidade, e o que eu fazia”. (2014, 22:38)

2. A baixa temperatura

Por ser a temperatura fria um diferencial entre os estados do resto do Brasil, é que faz Vitor Ramil elencar o gênero musical milonga como um equivalente para suas ideias de *Estética do Frio*, a saber a própria denominação propõe.

Mas não somente isso, por ser seu contexto climático, a influência da temperatura fria permeia sua carreira e unifica sua forma de escrever, criar e inspirar-se. Através do frio, o autor determina uma unidade que acompanha sua obra até os dias de hoje.

No seguinte trecho do romance *Satolep*, Vitor Ramil escreve de forma poética o sentimento traçado no período em que esteve morando no Rio de Janeiro, e o primeiro estado de estranhamento em relação à sua identidade:

Costumava ver minha alma quando criança, ao bafejar nas vidraças de junho para nelas escrever meu nome. Minha alma carregava meu nome. Mas, durante o longo período que vai do fim daqueles primeiros anos à noite do meu trigésimo aniversário, eu não a vi. Viajando pelo mundo, esquecera-me dela. Quando desejei revê-la, achei que ela não comportaria mais a minha letra, que já não reconheceria minha digital. Isso foi em outro junho, outro começo de inverno: enquanto a temperatura caía em *Satolep*, eu me terminava

na rotina de calor abrasador do norte brasileiro, extremo oposto do país. (RAMIL, 2008. p. 9)

E em A linha fria do horizonte, Vitor Ramil relata:

No inverno, uma noite muito úmida, muito fria, todo mundo fica nas suas casas, a gente acaba ficando em casa e cria-se um clima pra isso. Cria-se uma beleza e uma alegria dessa situação. As pessoas tem sempre uma tendência a sempre ver o inverno como, ninguém gosta quando chega uma frente fria, sempre como se fosse algo ruim. E sei lá, a gente no sul aprende a descobrir a alegria do frio. (A LINHA FRIA DO HORIZONTE. 2014, 22:47)

Diante da citação acima, pode-se perceber o quanto o tema da temperatura influencia as composições de Vitor Ramil.

3. O sentimento de melancolia

O estado de recolhimento automaticamente leva ao sentimento de melancolia. A milonga campeira identificada por Vitor Ramil para expor sua música, uma vez que a forma como o compositor a articula e que propõe na sua grande maioria o minimalismo e leveza, reconhece esse sentimento de maneira muito evidente.

De fato, a música é influenciadora de nossos estados de espírito, uma vez que se escutarmos uma canção alegre, ela nos estimulará a abertura do tórax, da voz, da adrenalina, do calor metafórico.

Vitor Ramil define a milonga no romance Satolep:

[...] pois diz-se que ela nasceu na cidade e mudou-se para o campo; essa música a serviço das palavras, afeita às sutilezas, a começar por esse seu nome africano, plural de *mulonga*, que significa justamente...“palavra.” “EIS A FILHA MELANCÓLICA DA HABANERA! [...] Melancólica e pura...” completou o compositor, dando-se um ar cômico sonhador, que a seguir transformou em devoção sincera: “amiga dos silêncios e dos vazios; profunda, clara, concisa; apropriada tanto aos vãos épicos como as líricos, tanto à tensão como à suavidade. [...] (RAMIL, 2008. p. 84)

E se, a música influencia em nosso estado, essa levará ao sentimento de melancolia e quem sabe se tornar cansativa para muitos. Mas se levada em consideração que a introspecção leva ao pensamento, sendo esse um motivo motivador para o conhecimento de si mesmo, a música aqui referida possui um canal de importância e relevância na descoberta íntima do ser.

Na música “Milonga das sete cidades”, Vitor Ramil escreve: “Concisão tem pátios pequenos onde o universo eu vi, em pureza fui sonhar, em leveza o céu se abriu, em melancolia a minha alma me sorriu e eu me vi feliz.”

No trecho acima, pode-se dizer que através do sentimento de melancolia o autor descobre sua alma e sente-se feliz.

4. A solidão

Voltando aquela imagem invernal de Vitor Ramil, onde o gaúcho está sentando com seu chimarrão, avistando o horizonte e os campos em toda sua imensidão, tendo o olhar para o infinito, solitário.

Essa imagem atrativa ao pensamento e recolhimento, leva a crer que a solidão também influencia na criação artística, pois a imagem solitária foi pulsante na criação de Vitor Ramil para a Estética do Frio.

Mas para além disso, podemos pensar na solidão como possibilidade de qualquer artista utilizar para a sua criação.

Em A linha Fria do Horizonte, o músico argentino, Carlos Moscardini diz: “O fato de estar no sul, nos climas não quentes, impõe uma introspecção”. (A LINHA FRIA DO HORIZONTE. 2014, 2:13)

É possível afirmar então que, se o clima frio é favorável para a auto-observação, isso pode significar que a temperatura fria sugere a solidão, uma vez que se torna pouco provável a introspecção sem que ela (a solidão) exista.

5. A intimidade

Uma imagem de um homem solitário, um campo e toda sua imensidão, um horizonte à vista. Para que essas imagens possam ser diluídas no âmbito da Estética do Frio, percebo que a intimidade se faz presente. Refiro-me aqui a uma intimidade com o olhar de fora para dentro. Um reconhecer-se, identificar-se e estar íntimo consigo mesmo.

Dessa intimidade, por exemplo, podemos dizer que no caso da Estética do Frio, ela concentra-se no instrumento tocado pelo artista, que expõe um sentido de interiorização. E numa milonga sequencial resume-se uma intimidade, pois traduz através da música um sentido natural de sensações e intimismo.

A intimidade é também reforçada pela horizontalidade que, estimulando o olhar infinito, faz com que a infinitude de nós mesmos seja motivada: a linha possibilita não apenas a visão do infinito externo, mas o infinito interno, isto é, a intimidade.

SEGUNDA PARTE

O TEATRO A PARTIR DA ESTÉTICA DO FRIO

Nessa parte do texto apresento minhas motivações para pensar a Estética do Frio no teatro. Dividi essa parte em três momentos. No primeiro apresento argumentos pessoais e muito íntimos relacionados com a minha experiência com a obra de Vitor Ramil. Na segunda parte esboço um roteiro para uma obra teatral que leva em conta as principais características da Estética do Frio. Para a composição do primeiro roteiro, aquilo que estou denominando como poética do frio, utilizo textos de Ramil com o claro objetivo de evidenciar as principais temáticas da Estética do Frio. A terceira parte é um relato de minhas dificuldades na criação do roteiro e do experimento. Cabe enfatizar que a maior das dificuldades tem relação com a ausência da espetacularização, coisa muito comum no campo teatral.

Motivações pessoais para adotar a Estética do Frio como referência para a criação teatral

Sempre me deparei com argumentos negativos em relação às temperaturas frias e dificilmente as pessoas enxergam no inverno um período de criação intensa. Um dia escrevi: “Eu sei que ele está chegando quando abro a torneira e a água está gelada”. Quem percebe essa sensação como algo que transmite pureza ou um frescor de alívio para além da sensação térmica?

Como se a água gelada invadissem a alma e ali se instalasse uma espécie de aconchego ou uma limpeza, como o céu em dias de inverno, com suas nuvens brancas e transparentes. Ou ainda, a respiração límpida dos dias frios, onde o ar puro e leve entra nos pulmões como que um filtro que invade o corpo avisando que a vida está presente ali.

O estado íntimo que o frio me transmite surge da retórica discussão em relação às temperaturas quentes, e que não me provoca, nem permite mergulhar para dentro de mim, ou seja, um contraponto de insignificâncias.

O fazer artístico tem forma autêntica quando o artista desenvolve com propriedade aquilo que existe de mais íntimo em si, seja no teatro, na música, na escrita ou qualquer forma de arte. Na maioria das vezes o ator leva para a cena suas experiências, sensações e a forma como percebe o mundo e as coisas ao redor.

Desenvolver um contexto teatral para a Estética do Frio de Vitor Ramil me faz refletir e querer encontrar minha própria Estética do Frio, partindo das minhas sensações.

Estabeleço nessa pesquisa um vínculo poético entre três artes, nesse caso a música, a literatura e o teatro, em um trabalho específico, que se refere à transposição musical e literária de A Estética do Frio do artista aqui citado, para o cenário teatral e que tem o frio em evidência.

Para tanto, a criação dramaturgica se apoia justamente nessa questão, onde elenco músicas, textos, entrevistas de Vitor Ramil, bem como alguns textos escritos por mim e que tem como fio gerador e estimulante a temperatura fria.

Para o trabalho prático foram escolhidos alguns personagens, que ora possuem ligação direta com o estado do Rio Grande do Sul, assim como o tema aqui tratado, ora apenas como suposição de uma narrativa que pudesse expor e retratar uma poética do frio. Nesse caso, o contador de histórias, o narrador, o tropeiro e o poeta.

Esse experimento dramaturgico possui seis quadros. O primeiro quadro refere-se à recepção do espectador. O público entra e vê uma cena do ritual talvez mais significativo para o pampa: a preparação de um chimarrão.

No segundo quadro no qual chamei de “apresentando o tema” uma contadora de histórias relata aos espectadores, o que significa a Estética do Frio e os motivos que a fizeram escolher o tema. Uma espécie de revelação da atriz através da personagem, ou ainda, uma cumplicidade entre atriz e o autor e, por consequência, entre o espectador.

No terceiro quadro, chamado de “equivalência teatral”, traço uma contrapartida entre a música e o teatro, uma vez que a equivalência musical de Vitor Ramil para a Estética do Frio foi a milonga, dada como música matriz. Para isso, elenquei a música mais emblemática do tema e, através das sete palavras orientadoras para a criação de Vitor Ramil, utilizei-as para formular um pequeno texto.

O quarto quadro tem como abordagem a temperatura fria. Através do texto escolhido, um trecho do livro Satolep, busco explicitar de forma poética a beleza do frio, atrelado com uma narrativa que envolve a memória da personagem.

O quinto quadro refere-se à lenda, nesse caso de uma lenda do Rio Grande do Sul. Diz-se que Deus surgiu para a árvore chamada umbú, assim como para outras árvores, perguntando quais seriam suas finalidades na terra. Enquanto várias árvores responderam que queriam dar bons frutos ou bons caules, a árvore umbu respondeu que sua função seria apenas dar uma boa sombra. A árvore umbú cresce solitária no meio do campo e servia de sombra e descanso para os tropeiros.

Finalmente, o último quadro é apresentado através de imagens projetadas ao som de uma milonga. Imagens que exemplificam o tema que são símbolos do Rio Grande do Sul e de uma imagem poética relacionada ao envolvimento do ser consigo mesmo, e que de alguma maneira se dissolvem e resumem esse trabalho.

Experimento de dramaturgia a partir da Estética do Frio

Quadro 01: o público chega

[Enquanto o público entra, uma mulher, ao som apenas instrumental de uma milonga, atenta e cuidadosa faz o ritual de preparação de um chimarrão].

Quadro 02: apresentando o tema

[Aos poucos, a mulher se revela uma contadora de histórias. Vira-se para o público, cumprimenta os espectadores, senta-se próxima, interage. Serve e toma seu chimarrão. Oferece ao público]

- Escreveu Vitor Ramil que “nós do Sul, sempre temos uma confusão de imagem de identidade. Nós pertencemos a essa potência cultural que o mundo reconhece como tropical, que é o Brasil. Somos de clima temperado e parecemos muito com o Uruguai e Argentina. O Rio Grande do Sul é como uma transição entre os países do Prata e o grande Brasil tropical. Eu sou assim”.

- Não sou pelotense. Nasci na cidade de Rio Grande na qual nunca vivi. Minha família materna sim. Minha mãe veio até Rio Grande para ter o parto lá, apenas para que ela não ficasse sozinha com meu irmão pequeno em Viamão, onde meus pais moravam. Meu pai era um viajante. Viajante no trabalho, viajante de mudanças de casas, viajante na vida, sendo assim vivi em muitas cidades, por último antes de Pelotas, em Joinville. Muito passei férias escolares aqui, mas quando cheguei em Pelotas para morar, eu não queria ficar. Eu vinha de uma cidade, que naquela época já estava em grande evolução. Pelotas me parecia deserta, suja, velha e achava que não tinha nada para mim aqui. Durante alguns anos, vivi na cidade praguejando, comparando e acima de tudo, não querendo estar aqui e somente com uma ideia fixa. Ir embora. Nunca soube direito de onde eu era. Não estabelecia vínculos de amizade, nem de infância, nem de escola e essa incerteza de não pertencer a nenhum lugar me deixava confusa. Conheci a estética do frio e tudo que antecede ela, num momento muito único da minha vida. Comecei a me identificar e perceber que já estava vinculada a cidade devido ao tempo que já estava aqui. Com isso passei a olhar Pelotas com outros olhos e a me dar conta que a forma poética como Vitor Ramil escrevia sobre ela me interessava. Eu não tinha saída, a não ser me adaptar ao meio, e a forma que encontrei de viver bem aqui foi através dessa obra. Aprendi que jamais seria uma pelotense, mas poderia ser uma satolepense. Isso foi um fator. O outro foi como comecei a me conhecer. Do que eu gostava, quem eu era, como eu agia em relação a tudo, que corpo físico me identificava, que sentimentos estavam em mim claramente. O inverno

e tudo que permeia em torno do frio era eu. O frio era eu. A forma como eu ficava quando ele chegava, uma lembrança clara que tenho da minha infância, uma alegria, um cheiro que sinto até hoje. Um intimismo, um recolhimento.

Com Vitor Ramil aprendi que “me reconhecer no frio e reconhecê-lo em mim, percebi que nos simbolizávamos mutuamente. Eu encontrei nele uma sugestão de unidade, dele extraí valores estéticos. Em uma paisagem fria, concebi um teatro como uma milonga. Se o frio está na minha formação, fria pode ser a minha leitura do mundo. Eu apreendi a pluralidade e diversidade desse mundo com a identidade fria do meu olhar. A expressão desse olhar parte de uma estética do frio, para uma poética teatral do frio”.

Quadro 3 – Equivalência teatral

[No fundo do palco uma mesa e uma cadeira. Sobre a mesa uma taça de vinho com uma garrafa do lado, um caderno e uma caneta. A poeta bebe o vinho, escreve, lê em voz alta, pensa, cantarola. Uma milonga está sendo tocada]

- O frio aguça os sentidos, estimula a concentração, o recolhimento, o intimismo; defini os contornos de maneira a ressaltar suas propriedades.

O **Rigor** do frio não causa rigidez no meu corpo, transmuta-a para vigor e precisão na minha alma. A maior intensidade do frio a faz movimentar-se com desembaraço, agilmente e livre de peso. Como a **Leveza** das folhas voando pelo ar transparente do inverno. Inteligível vir do íntimo com **Profundidade** e **Pureza**. Em **Concisão**, a **Melancolia** se aconchega nela com **Clareza**.

Fiz a milonga em sete cidades
Rigor, profundidade e clareza
Em concisão, pureza, leveza e melancolia

Milonga é feita solta tempo
Jamais milonga solta no espaço
Sete cidades frias são sua morada

Em Clareza
O pampa infinito e exato me fez andar
Em Rigor eu me entreguei
Aos caminhos mais sutis
Em Profundidade
A minha alma eu encontrei
E me vi em mim

Fiz a milonga em sete cidades
Rigor, profundidade e clareza
Em concisão, pureza, leveza e melancolia

A voz de um milongueiro não morre
Não vai embora em nuvem que passa
Sete cidades frias são sua morada

Concisão tem pátios pequenos
Onde o universo eu vi
Em Pureza fui sonhar
Em Leveza o céu se abriu
Em Melancolia
A minha alma me sorriu
E eu me vi feliz

Quadro 4 – o frio

[No palco uma cadeira e alguns livros dispostos no chão. A personagem mergulha entre livros, discursa e faz ações entre eles].

- Costumava ver minha alma quando criança, ao bafejar nas vidraças de junho para nelas escrever meu nome. Minha alma carregava meu nome.

Mas, durante o longo período que vai do fim daqueles primeiros anos à noite do meu trigésimo aniversário, eu não a vi. Viajando pelo mundo, esquecera-me dela. Quando desejei revê-la, achei que não comportaria mais a minha letra, que já não reconheceria a minha digital.

Isso foi em outro junho, outro começo de inverno: enquanto a temperatura caía em Satolep, eu me terminava na rotina de calor abrasador do norte brasileiro, extremo oposto do país. Minha mala, como sempre ainda não desfeita no chão do quarto, pesava mais que o habitual, pelo incômodo cada dia maior de uma provisoriamente enfermiza que se aninhava entre as minhas camisas.

Estar longe é um grande telescópio para as virtudes da terra onde se vestiu a primeira camisa.

As camisas faziam-me recordar essa frase de Eça de Queirós que meu pai gostava de citar. As camisas faziam-me recordar meu pai.

Eu avançava nu pela penumbra da casa.

Deixava o quarto, atravessava o corredor, entrava na cozinha.

Meus olhos testemunhavam o sol infalível e insidioso aquecer, por uma fresta da janela, o prato de comida intocado, esquecido sobre a mesa na noite anterior, mas não diziam nada do que viam no telescópio.

Eu não estava seguro do que via.

A poeira bailava no cilindro do sol. Meus olhos eram feitos de poeira. O mundo me queimava.

Servi-me de água no filtro de barro, enquanto meus pés úmidos buscavam conforto no piso resfriado pela madrugada.

Há muitos anos eu deixara a terra da minha primeira camisa para trás e saíra em busca do sol.

Buscara-o longe de Satolep, encontrara-o em toda parte; entregara-me a ele como quando, criança, já despido, ajoelhava-me o mais próximo possível da lata de álcool em chamas que aquecia o banheiro na hora do banho e ali me deixava ficar vendo a chuva lá fora nas telhas enegrecidas pela umidade, nos buracos das calhas, nos vidros da basculante.

Agora, era junho outra vez, mas eu evitava o calor do sol como uma lesma evita o sal derramado em seu caminho.

“Cuidado para não virar a lata”, minha mãe sempre alertava. Espiei a calçada pela veneziana, e uma gota de suor percorreu-me o lado esquerdo do rosto. Que gesto imprevisto entornara o álcool em minha direção.

Meu quarto era o de número sete, e, igual aos outros quartos, dava para um jardim interno com claraboia, bancos e algumas plantas.

Fazia quase tanto frio dentro dele quanto na rua.

Ah, as delícias desse frio que se instala no interior das casas e insiste em ficar quando a estação vai embora e o calor começa.

“Não justifica que as casas sejam frias no inverno”, resmungaria meu pai, “não justifica que não tenhamos infra-estrutura para suportar o frio”.

A indignação dele nunca me impediu de gostar dos interiores frios.

Eles me mobilizam, deixam-me alerta, mais lúcido.

Meu irmão pensava o mesmo. “Sinto-me mais inteligente”, gostava de dizer.

Por onde andaria meu irmão?

A cerração ia tomando conta da rua. No hotel continuava apenas frio.

A umidade nos leva para dentro de nós mesmos e tenta aí nos prender.

O frio nos permite ir e vir quantas vezes quisermos.

As grossas paredes, escaiolas, porões, respiradouros e áreas internas descobertas dessas casas altas de Satolep sempre nos protegeram um pouco do clima úmido.

Eu ia e voltava das recordações, de maneira casual e energética, enquanto me despia para entrar no banho.

A água quente do chuveiro tiraria o peso da viagem, o vapor lembraria a cerração e me daria vontade de sair para comemorar.

Era meu aniversário.

Quadro 5 - A lenda

[Um tropeiro que veste um poncho de lã está parado avistando o horizonte. Uma frase se repete enquanto se distancia]

- M'boitatá nos espera na encruzilhada da noite sem luz, com sua fome encantada. Está vendo aquele umbú lá embaixo a direita do coxilhão? Você está vendo bem agora?

Quadro 6 – A imagem

[Imagens são projetadas da linha do horizonte, do silêncio, do frio, do campo. Uma milonga é tocada]

A criação teatral a partir da Estética do Frio: dificuldades encontradas

Considero o tempo que tive para construir esse trabalho curto, para que pudesse esgotar todas as possibilidades teatrais que percebo na obra de Vitor Ramil, e que seria impossível num trabalho de conclusão de curso. Dessa forma, o mínimo utilizado na composição da obra se tornou, para mim, imperceptível diante da potência que se revela no conjunto que conforma a Estética do Frio. Para que pudesse efetivamente agradar meu gosto, de ver a Estética do Frio em outra linguagem, encontrei inúmeras dificuldades, dentre elas, a falta de condições técnicas adequadas e a limitação do tempo. A angústia de considerar uma enorme responsabilidade transpor tal obra para outro contexto de linguagem artística, acabou por me convencer que o tempo que utilizei para esse trabalho foi insuficiente.

Mas não somente isso. É válido acrescentar que a inspiração em torno da Estética do Frio aguçou minha vontade de experimentar uma dramaturgia autoral, mas que infelizmente o tempo também não permitiu que me arriscasse para realizar isso, ficando apenas no âmbito da própria obra.

Outra questão é o fato de nunca conseguir imaginar outro ator/atriz que não fosse eu mesma para a atuação na cena, pois a intenção de trabalhar nisso parte de minhas vontades e experiências e, principalmente, tem o frio como inspiração pessoal na interpretação. Diante disso, sempre senti uma espécie de ciúmes de algo tão pessoal.

Além disso, não dispunha de elenco que se dispusesse a trabalhar sob minha direção e, analisando o experimento ainda em percurso de ensaios,

tenho dúvidas em relação a essa questão, pois talvez isso pudesse promover à pesquisa uma certa distância e o experimento seria melhor pensado em termos de atmosfera.

Reforço, ainda, que seria necessário para esse experimento, um espaço de criação onde sua proximidade em relação ao público, não dificultasse a concretização para o espectador de uma linha do horizonte.

Mas sem dúvidas, a maior dificuldade encontrada foi me distanciar do tema em função da relação afetiva que possuo com a obra de Vitor Ramil, pois não foi possível me envolver no trabalho de modo mais objetivo, para que o experimento se moldasse de maneira objetiva.

TERCEIRA PARTE

PARA UMA POÉTICA TEATRAL DO FRIO

Nessa parte do texto apresento de modo muito livre algumas reflexões sobre a possibilidade de utilizar a Estética do Frio como referência para a criação teatral. Reforço a questão de que sou uma apreciadora da Estética do Frio de Vitor Ramil e por esse motivo as dificuldades que encontro na análise dos materiais são de ordem emotiva. Fazer conjecturas é uma possibilidade metodológica para garantir aos leitores o entendimento de que se embrenhar em alguma pesquisa em que o objeto é também um conjunto artístico que atravessa a própria vida é uma tarefa que exige mais tempo do que o de uma monografia de fim de curso. As conjecturas me permitem ser livre sem perder o rigor. Ao mesmo tempo, as conjecturas possibilitam o grau de liberdade adequado para a minha argumentação nesse momento.

Conjectura 01: a preparação da obra

A solidão na criação

Na solidão, uma imensidão de possibilidades artísticas. No silêncio, um bombardeio de sons internos. Pensar na Estética do Frio como fonte geradora

e inspiradora para um trabalho teatral é pressupor a solidão e a criação na solidão.

É fato que os julgamentos por parte do ator, devem estar do lado de fora da sala de trabalho. O ator envolto ao trabalho de criação deve agir com verdade e se deve se entregar da forma mais verdadeira que encontrar dentro de si. Esta é a maior dificuldade, pois muitas vezes os próprios atores são réus de si mesmos e conseqüentemente um despertar aterrorizante de julgamentos.

Para tanto é possível exercitar a concentração da solidão e buscar o que há de mais íntimo e subjetivo. Para o contexto em que me refiro, se traduzirmos a imagem invernal da solidão do gaúcho em campo aberto para a cena teatral, podemos compará-la ao trabalho solitário do ator e exemplificar na proposta de Stanislavski no que diz respeito à solidão em público:

Tome nota, imediatamente, do seu estado. É o que chamamos solidão em público. Você está em público porque nós todos estamos aqui. É solidão porque você está separado de nós pelo pequeno círculo de atenção. Durante uma atuação com uma plateia de milhares de pessoas, poderá sempre encerrar-se dentro desse círculo, como um caracol em sua casa. (STANISLAVSKI. 2008, 117).

Sempre procurei me relacionar com a solidão de forma natural, porém meu estado de compreensão se desestruturou quando tentei transpor essa noção para a cena teatral. Compreendi a dificuldade que encontrei de tentar expor algo natural em mim para uma cena.

Em torno disso encontrei uma solidão bem maior do que imaginei haver e descobri a imensidão do silêncio não revelado existente em mim.

Fazer uma cena teatral que parte muito de minhas experiências, mesmo se tratando de algo tão íntimo quanto o tema que proponho nesse trabalho, reforça o quanto o teatro movimenta interiormente e desestabiliza quando a criação artística é reveladora da parte íntima do ator.

A temperatura e o trabalho corpo-vocal

Certamente, no inverno, o corpo fica mais rígido e encolhido e a disposição das pessoas normalmente fica limitada.

Devo dizer que nesse caso, a minha disposição para o trabalho de construção de ator se dá de maneira mais leve e com mais rigor, em contrapartida às temperaturas quentes, onde meu corpo responde de forma negativa, já que a vontade e disposição praticamente se tornam nulas e com um aproveitamento inferior.

Obviamente que o trabalho do ator em termos de aquecimento corpóreo, no inverno deve ser mais cuidadoso e intenso, uma vez que o corpo está mais despreparado.

Certamente, aquecimento da voz, aquecimento corporal, treinamento para deixar o corpo vivo, são elementos no teatro que devem estar em primeiro plano principalmente em temperaturas frias.

Ainda assim, não encontrei dificuldades em relação a isso, pois se meu corpo estiver livre de peso, fato que ocorre no inverno, considero estar mais bem preparada fisicamente para a execução de uma cena teatral.

O frio faz com que meu corpo movimente-se de forma que instigue o calor para que se torne aquecido, a partir de uma vontade minha. Diferente de ele estar aquecido involuntariamente, pois nesse caso a vontade de aquecê-lo é nula e confundida com o calor natural já existente no meu corpo.

O recolhimento e a concentração

O tempo todo, nesse trabalho, me referi à linha do horizonte. Essa imagem, além de ser ponto fundamental para a estética do frio, me causa também um estado de concentração.

Me recolho para dentro de mim e avisto uma imagem símbolo. Uma imagem que retrata o infinito e que esse infinito pode estar dentro de mim.

Escreveu Stanislavski:

Suponhamos que seu papel lhe peça que olhe para a linha do horizonte, no mar, onde se pode avistar a vela de uma embarcação. Lembra-se de como seus olhos estarão focalizados para enxergá-la? Estarão olhando em linhas quase paralelas. Para pô-los nessa posição, quando estiver no palco, você terá de remover, mentalmente a parede do extremo oposto do auditório no qual possa fixar a sua atenção. (STANISLAVSKI, 2011. p: 125)

Ao se referir na concentração, o autor acima citado traduz uma peculiaridade com a estética do frio, pois a concentração trata de algo íntimo e voltado para si mesmo.

Ao estar em meu estado de recolhimento e concentração, experimento a proposta de Stanislavski: “A atenção interior, que focaliza coisa que vemos, ouvimos, tocamos e sentimos, em circunstâncias imaginárias”. (STANISLAVSKI, 2008, p.122)

Conjectura 02: a criação de um roteiro

Os espaços de ação

Espaço. Uma palavra muito simples e justamente, digamos assim, por estar tão presente no nosso vocabulário, sua simplicidade anula a complexidade da palavra quando “jogada” em contextos.

Estou analisando dessa forma, pois me aguça pensar no sentido das “coisas”, nas raízes das palavras, pensamentos, linguagens, gêneros, culturas. Dessa forma, pensar no espaço cênico com consciência percebe-se que muitas vezes lidamos com o espaço intuitivamente e não como fundamento importante e merecedor de desenvolvimento criativo, de possibilidades espaciais, de elementos significativos para a encenação.

O entendimento de um espaço cênico para a estética do frio, me fez perceber novas possibilidades, enquanto um aprendizado solitário positivo, na experiência de direção de mim mesma. Um olhar para um fazer teatral de concepções frias se torna imprescindível para um teatro de sensações.

O espaço no qual trabalhei não possibilitou a experiência da concretização da linha do horizonte. Sem essa linha, a opção foi tentar fazer com a linha se criasse na intimidade: o mate que remexe memórias, as canções que tornam o espírito melancólico.

O tom da cena: a melancolia, a narrativa, a memória

As nuances que ocorrem na cena, partem de um código específico que refere-se no tom de uma cena em atmosfera melancólica e intimista.

É relevante aqui ressaltar uma reflexão do músico Marcelo Delacroix, onde diz em entrevista no documentário A Linha Fria do Horizonte:

Realmente a estética do frio traduz um pouco uma sonoridade local da canção, do inverno, de fazer com que a gente fique mais dentro de casa, da rodinha de violão, em volta de uma lareira, tomando um vinho. É diferente de um violão na beira da praia fazendo um lual, é outro ambiente. Onde a gente na rodinha canta mais baixinho, na beira da praia com o barulho do mar, tu vai cantar algo a plenos pulmões (2014, 31:59)

Dessa forma a milonga campeira, presume um tom específico desse estilo musical, e que basicamente resume-se dessa forma.

Sendo assim, o tom da cena não poderia ser diferente, a não ser acompanhar os mesmos pressupostos da Estética do Frio. Certamente o espectador não irá assistir a uma cena com grandes nuances e elevações ou que revele um clima alegre, mas sim, uma cena mais sequencial e linear, onde reserva espaço para melancolia e a solidão, assim como um resgate de memória.

No caso do quarto quadro, no trecho do livro Satolep, a narrativa prevê dois tempos distintos, ou seja, a narrativa do presente e a narrativa do passado.

Assim, esse experimento teatral termina por se configurar da mesma maneira praticamente em todo o momento, fugindo da matriz de um espetáculo e adotando o envolvimento do ser e a simplicidade nos sentimentos.

Procurei elevar em potência na cena em que o poeta está a compor, um signo que transmuta entre a personagem e o músico em cena, numa espécie de cumplicidade artística, dada a relevância da musicalidade nesse trabalho. Certa transmutação de pensamentos se concretizando e se revelando através da canção e da ação física.

Nessa cena tentei resgatar um sentimento que certa vez me impressionou, uma nostalgia de algo que nunca tive.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebo que o fato de ser uma apreciadora da obra de Vitor Ramil desde muito tempo, contribuiu nessa pesquisa para que pudesse escrever sobre o tema com certa propriedade. Contudo, não posso deixar de evidenciar aqui, que estive em constante aprendizado durante esses estudos, que nesse segundo ponto, enquanto estudante, eles estiveram pautados por um olhar de ordem acadêmica. Pensando na obra de Vitor Ramil de forma híbrida, analisando de forma mais complexa a subjetividade existente e absorvendo a poesia que transcende a leitura, percebo que aprofundei meu conhecimento sobre a Estética do Frio.

Para minha formação acadêmica percebo o quanto esse processo de pesquisa e a prática criativa com uma “poética do frio” foram importantes porque, mesmo não tendo obtido sucesso nesse sentido de construir uma “poética teatral do frio”, entendi o que significa fazer isso e compreendi efetivamente que o descolamento pessoal em relação a um determinado texto, assunto, etc, se faz necessário no teatro, para que a criação aconteça, digamos assim, de maneira “fria”, ou seja, clara e objetiva, livre de julgamentos e concentração na ação.

Além disso, com essa pesquisa consigo vislumbrar possibilidades de pesquisa para o futuro. Provavelmente num segundo experimento criativo, onde poderei partir do princípio que consegui configurar para o aprimoramento dessa pesquisa.

Devo acrescentar também que minha identidade se concretiza nesse trabalho e que a realização pessoal de transpor essa obra se efetiva.

Por fim, como já foi mencionado, considere o tempo insuficiente para que pudesse realmente concluir e esgotar esse trabalho. Por isso penso nessa pesquisa não somente como um trabalho de conclusão de curso, mas como um trabalho de possibilidades posteriores, para que eu possa ramificar, ampliar e aperfeiçoar a mesma pesquisa em outros âmbitos acadêmicos.

Como escreveu Vitor Ramil “transmuto minha vida em versos”, parafraseando o poeta, “eu transmuto minha vida em teatro”.

REFERÊNCIAS:

- COELHO, Luciano. **A linha fria do horizonte**. Linha Fria Filmes, 2014. (documentário)
- ANDREAZZA, Rafael. **A linha imaginária**. Moviola Filmes, 2014. (documentário)
- RAMIL, Vitor. **A Estética do Frio** – Conferência em Genebra. Porto Alegre: Satolep, 2004.
- RAMIL, Vitor. **Délibáb**. Satolep Discos, 2010. 1 CD (42min), 1 DVD Délibáb Documental (1h 10min 12s)
- RAMIL, Vitor. **Foi no mês que vem**. Satolep Music, 2013. 2 CDS (66min e 68min)
- RAMIL, Vitor. **Longes**. Satolep Music, 2004. 1 CD (53min)
- RAMIL, Vitor. **Pequod**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- RAMIL, Vitor. **Ramilonga – A Estética do Frio**. Rio de Janeiro: Satolep Discos, 1997. 1 CD (46min)
- RAMIL, Vitor. **Satolep**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- RAMIL, Vitor. **Songbook**. Caxias do Sul, RS: Belas-Letras, 2013.
- STANISLAVSKI, Constantin. **A preparação do ator**, tradução de Pontes de Paula Lima. – 28^o ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.